

## A RÚSSIA E O ESPAÇO PÓS-SOVIÉTICO: A SEGURANÇA COMO TEMA PRIORITÁRIO DA POLÍTICA EXTERNA RUSSA

SÉRGIO ANTUNES BOTELHO<sup>1</sup>; CHARLES PEREIRA PENNAFORTE<sup>2</sup>

<sup>1</sup>*Universidade Federal de Pelotas – sergioantunes766@gmail.com*

<sup>2</sup>*Universidade Federal de Pelotas – charlespennaforte@gmail.com*

### 1. INTRODUÇÃO

O atual trabalho busca a compreensão acerca da capacidade de enfrentamento da Rússia frente às ameaças de segurança, internas e externas, no seu entorno estratégico, especialmente na Ásia Central.

Desde o desmembramento da União Soviética, com o fim da Guerra Fria (1991), a Rússia e o espaço pós-soviético passaram por grandes transformações, responsáveis por mudar o rumo das ex-repúblicas soviéticas em direção ao modelo político, econômico e ideológico dos Estados Unidos. O espaço pós-soviético pode ser compreendido pelo território ocupado pelas ex-repúblicas socialistas soviéticas. Dentro desse recorte, existem outras quatro subdivisões desses países: Cáucasicos (Armênia, Azerbaijão e Geórgia), Bálticos (Estônia, Letônia e Lituânia), Eslavos (Rússia, Ucrânia e Bielorrússia), os países da Ásia Central (Cazaquistão, Turcomenistão, Quirguistão, Uzbequistão e Tajiquistão), além da Moldávia que não se encontra necessariamente inserida em algum desses grupos (SEGRILLO, 2012).

Com o desmembramento da URSS, a Rússia tornou-se sua herdeira no Sistema Internacional, ficando com esmagadora maioria do arsenal de guerra e herdando o assento permanente no Conselho de Segurança das Nações Unidas. Sendo assim, a até então grande rival dos EUA, desde o fim da Segunda Guerra Mundial, passa a se comprometer com os ideais de seu antigo adversário, ao menos durante o governo de Boris Yeltsin (1991-1999). Desde o momento de sua candidatura, Yeltsin já demonstrava o desejo de liberalização da economia russa, abandonando o comunismo e se aproximando do ocidente. Foi em seu governo que as privatizações começaram a transformar um pequeno grupo de pessoas em grandes oligarcas, controladores das principais empresas do país em variados setores.

Nesse contexto, as quinze ex-repúblicas soviéticas migraram para o capitalismo, uma mudança muito rápida e sem estruturação que ocasionou diversas crises e dificuldades, com destaque para a crise financeira da Rússia em 1998. Na área da segurança, é nesse mesmo período que os confrontos na Chechênia são retomados, reiniciando a guerra entre as forças russas e os grupos separatistas, piorando ainda mais a situação socioeconômica do país.

Portanto, na virada do século XX para o século XXI, a Rússia se encontra instável economicamente, com dificuldades na balança de pagamentos, sofrendo com a desvalorização do rublo e com uma inflação anual superior a 85% (Banco Mundial). Além disso, os movimentos separatistas ganham força, realizando a Segunda Guerra da Chechênia. O país também passa por uma forte crise política, Yeltsin trocou de Primeiro-Ministro várias vezes, além de ter passado por uma tentativa de impeachment e aumento na sua impopularidade. Todos esses problemas somados à grande debilidade da saúde do presidente, resultam na

transferência do poder para o até então desconhecido Vladimir Putin, que assume o controle da Federação Russa em um momento de muita fragilidade.

Devido a derrocada da Rússia naquele momento, a OTAN e a União Europeia avançaram rumo à antiga zona de influência soviética no leste europeu, chegando à fronteira russa e aderindo membros do espaço pós-soviético em ambas as organizações (países bálticos no ano de 2004). Dessa forma, o governo russo percebeu a necessidade de se reerguer para retomar sua atuação como grande ator regional e posteriormente o papel de grande potência que ocupou durante a Guerra Fria. Neste processo, manter grandes atores do Sistema Internacional longe das demais ex-repúblicas soviéticas, é visto como ponto extremamente importante para a segurança nacional da Rússia.

Sendo assim, a pesquisa procurará responder às seguintes indagações: quais as ações tomadas pelo governo russo em prol da estabilidade na Ásia Central? Quais os principais desafios enfrentados pela Rússia na área da Segurança?

## 2. METODOLOGIA

Durante a realização do trabalho, com o intuito de encontrar resultados lógicos para o problema de pesquisa, foram utilizados dados de caráter qualitativo, tanto por meio de pesquisa documental quanto por meio de revisão bibliográfica. No caso das fontes primárias, posicionamentos de figuras governamentais relevantes e documentos produzidos pelo governo russo, também foram utilizados. Sobre as fontes secundárias, artigos científicos, matérias da imprensa e livros estão entre os meios consumidos. No que diz respeito ao método procedural para o desenvolvimento da pesquisa, o estudo de caso foi o meio escolhido.

Como base teórica, utilizamos a Análise dos Sistemas Mundos de Immanuel Wallerstein (2004), que aborda o declínio da hegemonia estadunidense, além do estudo dos movimentos antissistêmicos das Relações Internacionais (Pennaforte, 2020). As teorias são importantes pois refletem no reerguimento da Rússia como um grande ator no Sistema Internacional, já que para se projetar internacionalmente é necessário que o ambiente interno e suas proximidades ofereçam um grau satisfatório de estabilidade.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Até o presente momento, a pesquisa se encontra em estágio avançado e alguns fatores relacionados à segurança da Rússia foram abordados e analisados. Entre eles: o terrorismo, o separatismo e os constantes avanços da OTAN em direção ao território russo. No caso do terrorismo, percebe-se um aumento crescente dos grupos radicais na Ásia Central, local de baixo desenvolvimento socioeconômico, onde os terroristas se aproveitam dessa debilidade e da jovem população, para recrutar novos membros. No início deste ano, Moscou foi palco de um violento massacre que vitimou mais de 100 pessoas, todos os terroristas são originários da Ásia Central. A incapacidade dos Estados centro-asiáticos em controlar essa problemática, por conta própria, faz com que Rússia, China, Índia e Irã (grandes atores regionais) desenvolvam artifícios para garantir a segurança de seus cidadãos.

No caso do separatismo, os motivos para essas diferentes unidades federativas buscarem independência varia de caso para caso, podendo envolver

questões étnicas, religiosas, culturais ou o sentimento de não pertencimento à Rússia. Os casos da Chechênia e do Daguestão são os mais conhecidos e noticiados no ocidente, já que também envolveram violentos confrontos entre separatistas e tropas do exército russo. No início do século XXI a Chechênia foi nomeada - por muitos veículos de imprensa - como o local mais perigoso da Europa e poucos anos depois o Daguestão assumiu esse posto. Todas essas localidades se encontram ao norte do caucásio e possuem grande diversidade étnica, além de boa parcela da população adepta ao Islamismo. Durante os períodos mais acalorados de conflito, os ataques terroristas eram diários e praticados em larga escala pela população jovem da região. Ao contrário da Ásia Central, os ataques eram realizados por motivações políticas ou religiosas e não por influência econômica.

Entre as principais justificativas russas para não permitir o separatismo das regiões, destaca-se o temor de que uma concessão a determinada localidade leve a uma série de reivindicações em todo o país, fragilizando a estrutura estatal e consequentemente colocando a existência da Rússia em risco. Do mesmo modo, a possível perda dessas regiões geraria uma dificuldade para Moscou em explorar os recursos encontrados nas proximidades do Mar Cáspio (petróleo e gás). Atualmente, após todos esses anos sob o comando de Vladimir Putin, a Rússia teve êxito em apaziguar e reprimir os movimentos separatistas, seja por meio da violência, da prisão de lideranças em prol do separatismo ou realizando algumas concessões para as lideranças dessas regiões que lutaram pela independência. O caso mais marcante é o da República Autônoma Russa da Chechênia, onde Ramzam Kadyrov - uma antiga liderança separatista - tornou-se aliado do governo após receber concessões.

No caso da Ásia Central, a grande preocupação diz respeito à proximidade dos países da região com o Afeganistão, novamente sob poder do Talibã, grupo sunita criado pelos guerrilheiros Mujahedin, que governou o país de 1996 até a invasão dos EUA no ano de 2001. Com a retirada estadunidense em 2021, o Talibã rapidamente voltou a controlar o governo afegão, aumentando a preocupação russa sobre sua atuação e influência na Ásia Central.

Por fim, o Kremlin se atenta cada vez mais às “guerras indiretas”, perpetradas no espaço pós-soviético pelo ocidente, como a Revolução Rosa na Geórgia e a Revolução Laranja na Ucrânia. Em ambos os casos, manifestantes pró-ocidente ocuparam as grandes cidades reivindicando o direito dos países em se distanciar da Rússia e se aproximar da integração europeia (OTAN e UE). Porém, o teor e a espontaneidade dessas revoluções são questionados por Andrew Korybko em sua obra, *Guerras Híbridas: das revoluções coloridas aos golpes* (2018).

#### 4. CONCLUSÕES

Após a realização de leituras e análise da situação, é possível concluir que o governo russo adota diferentes abordagens dependendo do problema que almeja solucionar. No caso do terrorismo, Putin sempre deixou claro o fato de não negociar com os grupos e adota políticas de investimento em práticas de contraterrorismo. Sobre o separatismo, o governo russo varia seus posicionamentos, indo desde a repressão brutal aos movimentos de independência, até a realização de concessões para acalmar os ânimos dos manifestantes. Já no caso do avanço da OTAN para sua zona de influência, Moscou adota uma postura extremamente rígida e intolerante a qualquer movimentação ocidental. Nos últimos anos, a intervenção

militar na Geórgia (2008) e o início da Guerra na Ucrânia (2022), retratam a importância que o governo russo dá ao controle do seu entorno estratégico.

Partindo para o caso específico da Ásia Central, a Rússia ainda exerce forte influência nos países da região, mesmo com o crescente interesse chinês na localidade, considerada vital para o projeto da Nova Rota da Seda de Pequim. Mesmo tratando-se de um grande aliado, o Kremlin busca garantir que a China não exerça nenhum tipo de influência política sobre a população e os governos centro-asiáticos. Do mesmo modo, Moscou vem contendo sucessivas tentativas de diálogo dos Estados Unidos com estes países ao longo do tempo. O interesse americano se dá tanto pela proximidade com a Rússia quanto pela geografia estratégica que a localidade possui (fronteiras com China, Irã e Rússia).

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BANCO MUNDIAL. **Inflation, consumer prices (annual %)**. World Bank, 12 nov. 2023. Russian Federation. Acessado em: 12 nov. 2023. Disponível em: <https://data.worldbank.org/indicator/FP.CPI.TOTL.ZG?locations=RU>.

BORDACHEV, T. “**Russian Security Priorities in Near Eurasia**.” Valdai Club, 16 jun. 2023. Opinions. Acessado em: 12 nov. 2023. Disponível em: <https://valdaiclub.com/a/highlights/russian-security-priorities-in-eurasia/>.

GONCHARENKO, R; VOLKOV, V. **Ásia Central, terreno fértil para o terrorismo islâmico**. DW, 23 jan. 2017. Terrorismo. Acessado em: 19 mar. 2024. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/%C3%A1sia-central-terreno-f%C3%A9til-para-o-terrorismo-isl%C3%A2mico/a-37179168>.

HUASHENG, Z. **Central Asia in Change: Where Do Security Risks Come From?**. Valdai Club, 3 jul. 2023. Opinions. Acessado em: 12 nov. 2023. Online. Disponível em: [https://valdaiclub.com/a/highlights/central-asia-in-change-where-do-security-risks/?s\\_phrase\\_id=1627213](https://valdaiclub.com/a/highlights/central-asia-in-change-where-do-security-risks/?s_phrase_id=1627213).

KORYBKO, A. **Guerras Híbridas**: das revoluções coloridas aos golpes. São Paulo: Expressão Popular, 2018.

PENNAFORTE, Charles. **Movimentos antissistêmicos e Relações Internacionais**: uma perspectiva teórica para compreender o sistema-mundo. Pelotas: Editora da Universidade Federal de Pelotas, 2020.

SEGRILLO, A. **O fim da URSS e a nova Rússia**: de Gorbachev ao pós-Yeltsin. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

SEGRILLO, A. **Os russos**. São Paulo: Editora Contexto, 2012.

WALLERSTEIN, Immanuel. **O declínio do poder americano**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2004.